

NESTE NÚMERO:

GABRIEL

e uma transferência
que custou
270 contos



CRÓNICA
Desportiva
N. 23

15 - SETEMBRO - 1957

Preço -- 1\$50

DEPÓSITO LEGAL
OUT. 1957

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.

RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958



MÁRIO DE AGUIAR APRESENTA

CRÓNICA DESPORTIVA

N.º 23 — 15-9-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS
Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR

& DIAS, LDA.—Distribuição da AGÊNCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P
(Anuário Comercial de Portugal)

CARA
A
CARA

Quando há poucas semanas nos «atrevemos» a dizer nesta mesma secção, em que a franqueza e o desassombro são seus lemas, que as Associações regionais são meras «agências de representação e consignação», sem valor intrínseco, houve quem não gostasse. E houve também, para nossa satisfação, quem concordasse plenamente. E quem acrescentasse até que toda a orgânica desportiva portuguesa estava a pedir uma revisão de alto a baixo. Também nos parece. Do ponto de vista material não reconhecemos a menor vantagem na constituição das Associações regionais — e não só no futebol — afigurando-se-nos muito mais prático e coerente que os clubes se entendessem

directamente com a «sua» federação. Isto é: existiriam Federações de clubes (que estes é que têm vida efectiva) e não, como hoje, federação de associações. Estas não teriam que desaparecer totalmente. Bastaria que se transformassem em delegações de Federação, meramente com fins administrativos, de expansão da modalidade, problemas técnicos locais, de representação da Federação e não o inverso, dos clubes, ainda que através desses organismos locais, os clubes pudessem ter um porta-voz das suas necessidades, anseios, e problemas.

Não haveria, assim, mais Associações pobres ou ricas. A sua pobreza ou riqueza eram as da própria Federação.

Quanto ao factor técnico, não vemos que as actuais Associações façam alguma coisa que Delegações não possam fazer.

O caso da A. F. Lisboa e ultimamente o da A. F. Porto que muito tem trabalhado para a expansão da modalidade, especialmente nas camadas juvenis, merece-nos o maior respeito, bem como os seus pergaminhos. Mas não podemos viver eternamente de sentimentalismos.

Se de facto se reconhecer que haverá vantagem para a orgânica desportiva nacional sacrificar a independência, relativa aliás dessas Associações Históricas, não se deverá hesitar.

Guardadas as proporções, a monarquia era dantes a forma clássica de governo dos povos, e no entanto, hoje quase se contam pelos dedos as nações que se conservaram fiéis a esse sistema.

Do ponto de vista da «hierarquia desportiva», representação colectiva, etc. — julgamos que a autonomia dos clubes seria maior do que nunca.

Em primeiro lugar porque deixaria de haver intermediários. Os clubes exporiam, discutiriam e votariam os seus problemas, e não deixariam a outrem o encargo de o fazer.

Todos devem estar lembrados do que aconteceu no último Congresso da Federação. Uns tantos clubes queriam uma coisa e o delegado da Associação respectiva, inconscientemente ou não, fez outra...

Em segundo lugar... há dirigentes a mais. E numa confusão que custa a entender. Ora vejamos:

Os sócios dos clubes elegem os seus dirigentes. Muito bem. Os dirigentes dos clubes elegem os dirigentes das Associações. Aqui começa o busilil. Até que ponto

(Continua na pág. 7)

A grande luta entre os irmãos de raça

Tommy *Hurricane* Jackson viu desfazer-se o seu mais belo sonho, pois Floyd Patterson conservou, no Polo Ground de Nova Iorque, o seu título de campeão do Mundo, que defendeu pela primeira vez.

Patterson corrigiu severamente o seu *challenger*, a quem havia já batido o ano passado.

Jackson sofreu três *Knockdown*, antes de o árbitro parar definitivamente o combate.

Ao terminar a luta, *Hurricane* foi obrigado a dirigir-se ao hospital, acompanhado por sua mãe que assistiu ao combate.

As nossas imagens mostram:

1.º — Patterson aguenta bem um directo do corajoso Jackson.

2.º — Ao nono *round*, *Hurricane* foi ao tapete e Patterson, olha-o calmamente...

3.º — *Hurricane*, de cara ensanguentada, o olho es-



querdo fechado, meio tonto vai, corajosamente, levantar-se...

4.º — Aqui, *Hurricane* parece esmoado e preparando-se para comer uma sanduiche. Mas não. Ele recebe, simplesmente, depois de o árbitro ter dado por findo o combate, os primeiros cuidados: uma esponja de água fresca sobre o rosto.

PATTERSON VENCE O CAMPEONATO OLÍMPICO

O gigantesco campeão olímpico, Pete Rademacher, com o apoio financeiro de um grupo de lavradores do Estado Georgia desafiou o campeão mundial dos pesados, Patterson, para combate com o título em jogo... e 250.000 dólares (cerca de 7.000 contos) para o titular. O campeão olímpico levou uma «sova» tremenda, mas actuou com tal valentia, que conquistou a simpatia geral.

Os amigos do campeão olímpico perderam 2.000 contos, porque a receita não chegou para cobrir a bolsa de Patterson. Mais tarde, os dois pugilistas, numa atitude sem precedentes na história do pugilismo mundial, reuniram-se amigavelmente numa cidade e declararam que gostariam de disputar um combate-desforra. Rademacher tem em perspectiva uma nova «tarefa», mas como combate por gosto...

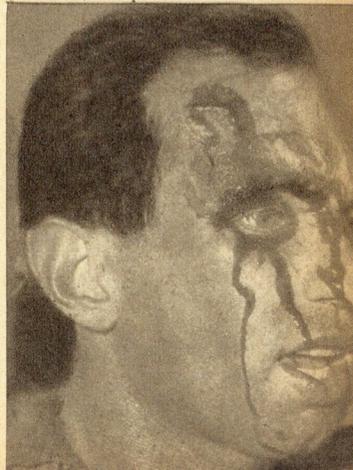
Todavia, é possível que passe a profissional.

Não, este não jogou ao soco!...

Não, leitor amigo. Este não é uma vítima do «desporto do ringue», tão-pouco é pugilista ou jogou ao soco.

Trata-se do ciclista italiano, Nino Filipplis, que no «Parque dos Príncipes», concluiu a «Volta a França» da maneira desastrosa que se pode observar na imagem que reproduzimos.

... Do que se prova que, para qualquer de nós nos magoarmos nem é preciso ir desafiar os punhos demolidores do campeão Patterson...





Jesus Correia voltou ao futebol num Porto-Cuf

Embora fosse no Barreiro em jogo contra a Cuf, que o F. C. Porto há dois nos, denunciou o seu formidável poderio (recorda-nos da frase do seu treinador, então: «Se o Porto «pega» fogo ganha o campeonato), a verdade é que os cufistas, nas Antas, não têm sido presa fácil.

Em 1955 perderam por 3-1, mas foram precisos dois «penalties» para o F. C. Porto ganhar. Foi um jogo de nervos, em que Jesus Correia reapareceu, voltando a conhecer o ambiente das tardes febris, em rectângulos de futebol.

Eis aqui alguns aspectos do duelo F. C. Porto - C. U. F.



— Sarmento a pretender passar o experiente e hábil Pedro Gomes, fazendo dançar a bola no bico da bota, para o ferrar.

— Hernâni remata com força, e no seu estilo peculiar, antecipando-se à entrada de Vale.

— Miguel Arcanjo despacha a bola, enquanto o reaparecido Jesus Correia parece perguntar a alguém se cometeu falta...

Como se sabe Jesus Correia fez mais alguns jogos e acabou por desaparecer da cena futebolística.

José Pereira, internacional «B» do Belenenses, completa hoje 26 anos, pois nasceu em 15 de Setembro de 1931, em Torres Vedras.

Clubes representados: Belenenses desde 1949-50, à excepção da época de 1951-52, em que esteve «emprestado» ao C. D. dos Pescadores da C. da Caparica. A fazerem anos na segunda-feira há vários.

O mais velho é Flora — Florentino da Silva Araújo. Nasceu em 16 de Setembro de 1928, em Bissau (Guiné). Completa pois 29 anos. Desde 1951-52 que está no Lusitano de Évora.

Da mesma idade, nascidos no mesmo dia — 16 de Setembro de 1930 — temos dois jogadores que são colegas de equipa: Teixeira e Gastão, do F. C. Porto.

António Dias Teixeira nasceu em Lisboa e é «internacional». Clubes representados: 1947-48/50-51 — Benfica; 51-52 — V. Guimarães; desde 52-53 — F. C. Porto.

Gastão Alberto Gonçalves nasceu no Rio de Janeiro (Brasil) e veio do Atlético Mineiro para o F. C. Porto em 1955-56.

Em 16 de Setembro de 1935 nasceu Lídio Bento Correia, em Vendas Novas. Trata-se do jogador que o Belenenses recrutou no Estrela (onde Lídio jogara de 50-51 a 53-54) e agora dispensou ao Torriense.

Na terça-feira os aniversariantes são. Grilo (Barreirense), Cordeiro (Oriental) e Cesário (Guimarães).

Este último — Cesário Rodrigues Mateus — nasceu em Alçagosta - Fundão, em 17 de Setembro de 1930. Perfaz, pois, 27 anos. Clubes representados: 1948-49 — A. D. Castelo Branco; 1949-50 — Benfica; 52-53 em diante: V. Guimarães.

José Cordeiro Duarte, nasceu em Lisboa em 17 de Setembro de 1934, pelo que conta apenas 23 anos.

Desde 1951-52 que joga no Oriental.

José Oliveira Grilo, nasceu em Lisboa em 17 de Setembro de 1935. Em 1952-53 jogou no Sporting (junior); 1953-54 a 54-55 no União Povoense; 1955-56 no F. C. Barreirense; 1956-57 no Oriental ao abrigo do serviço militar, e voltou ao Barreirense.

Por último, temos mais dois sons guarda-redes.

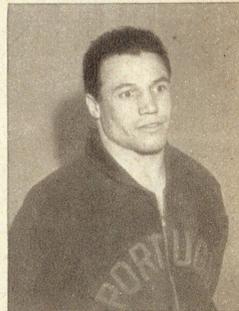
Libânio Gomes Avelar, que a Cuf dispensou neste derro, nasceu em 19 de Setembro de 1929, pelo que na próxima quinta-feira festeja o 28.º aniversário. Desde 1946-47 que jogava na Cuf, à excepção da época de 1950-51, em serviço militar, alinhou no S. L. Olivais.

Também Manuel Henriques Pinto completa 28 anos, mas no sábado. Nasceu em Vila Chã de São Roque (Oliveira de Azemeis), em 21 de Setembro de 1929. Clubes representados: 1947-48 a 51-52 — Oliveirense; desde 1952-53 — F. C. Porto. É internacional «B».

ESTA SEMANA FAZEM ANOS...



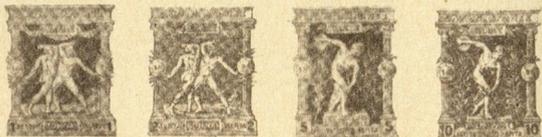
José Pereira



Pino



ESTES SÃO OS MAIS ANTIGOS SELOS DESPORTIVOS DO MUNDO



A Grécia, perscrutora do antigo olimpismo pode orgulhar-se também de ter sido a primeira nação do mundo a emitir selos consagrados ao desporto. E fê-lo exactamente para assinalar o regresso das famosas olimpíadas.

Em 1896, como se sabe, realizaram-se os jogos olímpicos da era moderna, por iniciativa do célebre Barão de Coubertin. Este grande filantropo e desportista envidou todos os esforços para que o regresso das olimpíadas se verificasse no país que lhe foi berço — a Grécia. Assim se fez.

A Grécia inteira — tão diferente daquela Grécia próspera de outrora — vibrou com a realização dos jogos, mobilizando todos os recursos. Nem a filatelia foi esquecida.

Em 6 de Abril de 1896 emitia-se uma série de selos comemorativos dos Jogos Olímpicos de Atenas. Doze selos que custam, no conjunto, e novos, cerca de quinze contos. Verdadeiramente, só dois deles são considerados raridades.

Os de 1, 2, 5, 10 e 20 l. são considerados «vulgares», e custam cada um entre 13 e 20 escudos. Os de 25 e 40 l., já são considerados médios e o seu preço ronda por 30\$00 cada um. O de 60 l. e 1 d. ainda são considerados «dizretos» e o seu preço de catálogo (italiano) é de 50\$00 cada um. O de 2 d. é «bom» e custa 150\$00. O de 5 d. (verde) é raro e custa 500\$00. E o de 10 d. (escuro) está avaliado, em catálogo em 7.500\$00.

N. R. — Estes preços são calculados ao câmbio da lira, presente no «catálogo Sports» (italiano).

CARA
A
CARA

(Continuação da 1.ª página)

os dirigentes associativos têm independência de critério para actuar? Devem cingir-se às instruções, claras ou à sucapa, dos dirigentes dos clubes de que são representantes (?), ou libertarem-se totalmente dos laços afectivos que os ligam aos seus clubes? E o que acontecerá ao dirigente de Associação que resolve proclamar a si próprio independência de critério e «cortar» com os dirigentes do seu clube? O mínimo que lhe poderá acontecer é não ser reeleito...

Por outro lado, se se submete à influência dos dirigentes dos seus clubes — onde está afinal a «hierarquia»?!

Vejamos o caso das eleições federativas: quem escolhe os dirigentes da Federação? As Associações? Então porque houve clubes a tratarem do assunto, falando-se, indistintamente de candidato do clube A para a presidência, do B para a vice-presidência, do C para a tesouraria, num rateio não previsto nos Estatutos da F. P. F.?

Porque há-de o sistema pré-eleitoral e deliberativo em certos casos, ser tão pouco claro como o é o regime de amadorismo ou profissionalismo dos nossos jogadores?

Acabe-se com a função actual das Associações regionais e dar-se-à um passo para a simplificação do auto-governo do nosso desporto. E não nos venham dizer que os mesmos problemas de influência clubista que se notam nas Associações passam para a Federação. Não. No organismo máximo (e único que se sobreporia) ao clube e imediatamente inferior ao departamento oficial, (a D. G. D.) não deve haver, nem por sombras, pressão clubista.

O único meio de os clubes imporem os seus desejos seria o da Assembleia Geral, ou seja; o que, no futebol, se chama Congresso.

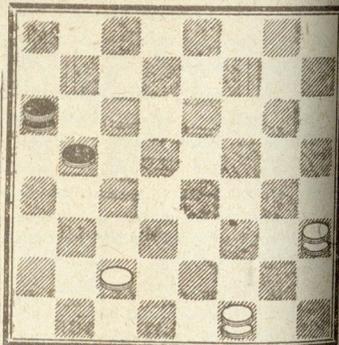
O sistema governativo que se nos afigura mais lógico para o desporto num país como o nosso, é o que expusemos, em linhas gerais. Tudo o resto orgânica administrativa, representação ultramarina, distribuição de votos, etc. — é questão de pormenor, para o que não faltaríamos talentos a resolver o problema.



DAMAS

AMADEU MARTINS COELHO

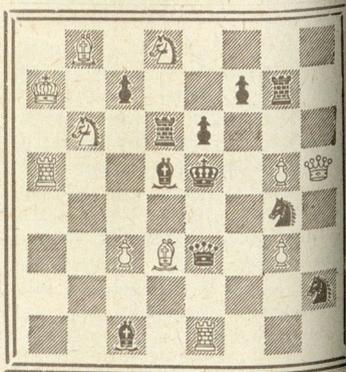
(Boliqeime)



Jogam as brancas e vencem

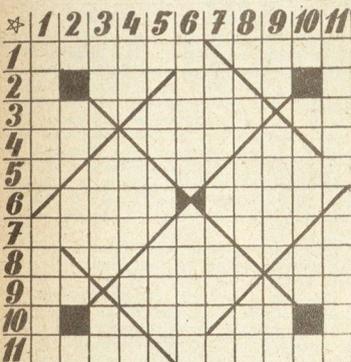
XADREZ

C. VAUGHAN



Mate em dois lances

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS — 1 — Jogadores do Sp. Covilhã e do Torreense. 2 — Prep. e art.; alternativa. 3 — Mulo; doença da pele; campeão. 4 — Prep., pron. pess.; 5 — Igreja; antigo internacional de futebol. 6 — Antigo internacional «B»; jogador que alinhou já na I, II e III Divisão. 7 — Internacional do Sporting; isolado. 8 — Enfezada; rio de Itália. 9 — Soletrei; círculo; artigo (ant.). 10 — Senhor (abrev.); jogador do Sporting. 11 — Trabalho; jogador do Belenenses.

VERTICAIS — 1 — Marido; antigo internacional do Benfica. 2 — Único; despido. 3 — Além; estiagem; distar. 4 — Comiseração; pron. pess. 5 — O mais; prep. art. pl. 6 — Internacionais militares. 7 — Liga; partes iguais. 8 — Corredor espanhol; nota musical. 9 — Clima; jogo; carta de jogar. 10 — Porco; pedúnculo. 11 — Aflição; pó fecundante das flores.

A ALEGRIA DO «VELHOTE»



Os recentes campeonatos Mundiais de ciclismo, disputados na Bélgica, revelaram ao Mundo que nunca é tarde para se conseguir determinado objectivo. E assim, em velocidade profissionais, os holandeses Van Vliet (39 anos) e Jan Derksen (40) classificaram-se para a final — mau grado a presença de alguns jovens de real classe.

Na grande final, Derksen bateu o seu compatriota, também já várias vezes campeão, e pôde, assim, chamar o título a si pela segunda vez (a primeira em 1946, depois de bater na final o francês Georges Semftleben).

Eis o sorriso da vitória de Derksen, ao vestir a camisola arco-iris. A esquerda, o francês Roger Gaignard, terceiro classificado, felicita o veterano holandês.



Glória ...

A «Volta do Oeste» da França, em ciclismo, disputa-se logo após o «Tour» e costuma reunir numeroso lote de concorrentes de real categoria. Para muitos, a «Volta do Oeste» é como que o prémio de consolação para os que se classificaram mal no «Tour».

A «Volta do Oeste» desfruta, além-Pirinéus, de enorme popularidade e a nossa

... Mulheres...

gravura diz bem do ambiente que a rodeia. Nada falta, à chegada, aos concorrentes. E aqui, os vencedores, Schefens (à esquerda), «camisola verde»; Morvan, o homem da última etapa e Gouget, triunfador da Volta e «camisola amarela», aparecem-nos, felizes, rodeados de caras lindas, de flores, de sorrisos femininos, prémios de uma glória que só é pena não existir todos os dias.

... e Flores...

O extraordinário atleta

KUTZ

apaixonou-se pela jornalista que o foi entrevistar!...



Vladimir Kutz entrega, sorridente, o ramo de flores que lhe foi oferecido, após um das suas muitas vitórias

— O extraordinário Volodia (nome com que é tratado pela família e pelos amigos) regressou a Moscovo hoje, da Suíça, em cuja capital disputou os Campeonatos Europeus de Atletismo de 1954 e nos quais estabeleceu um novo «record» do Mundo dos 5.000 metros e logo à noite faria uma palestra sobre a forma como tinha conseguido bater as grandes «estrelas» — responderam.

Sem perda de segundos, Raissa dirigiu-se imediatamente para o clube, onde nesse momento uma orquestra sinfónica realizava um concerto.

Vinte cinco minutos depois da chegada de Raissa houve um murmúrio na sala. Todos se voltaram para a entrada. Um mancebo sorridente, estatura média, cabelo crespo, envergando a farda de oficial da marinha, e no seu peito muitas condecorações acabava de entrar: era Vladimir Kutz.

O campeão foi apresentado à insinuante jornalista, mas Raissa por mais que insistisse não conseguiu a entrevista desejada. Em lugar disso passaram despreocupadamente pelas ruas movimentadas da capital. E sempre que Raissa voltava ao assunto da entrevista, Kutz, respondia, sorridente: «Mais tarde... Mais tarde...».

Voltaram a encontrar-se mais vezes. Ao mesmo pedido de Raissa a resposta de Kutz mantinha-se: «Mais tarde... Mais tarde...».

Terminada a sua licenciatura na Faculdade de Jornalismo de Moscovo, a jovem Raissa foi colocada no magazine desportivo **Sport**.

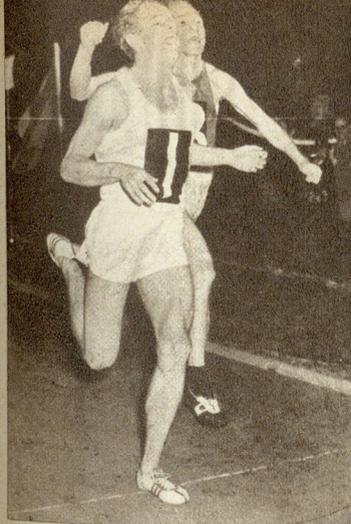
Determinada manhã o seu editor comunicou-lhe que ia preparar a sua estreia no jornalismo desportivo com um assunto sensacional: Uma entrevista com um dos dois famosos desportistas-marinheiros russos: o nadador Minashkin ou o atleta olímpico Vladimir Kutz.

O assunto agradava-lhe. Apenas uma dúvida surgiu: qual deles devia entrevistar: o nadador ou o pedestrista? Optou pelo nadador.

Com esse intuito telefonou para o clube dele para saber onde encontrar Minashkin. Um contratempo (providencial...) sucedeu. O discutido nadador estava no mar.

— E Kutz? — perguntou a jovem jornalista.

— O extraordinário Volodia (nome com que é tratado pela família e pelos amigos) regressou a Moscovo hoje, da Suíça, em cuja capital disputou os Campeonatos Europeus de Atletismo de 1954 e nos quais estabeleceu um novo «record» do Mundo dos 5.000 metros e logo à noite faria uma palestra sobre a forma como tinha conseguido bater as grandes «estrelas» — responderam.



Chataway, vence Kutz nos 5.000 metros durante o torneio atlético Inglaterra-Rússia, no qual estabeleceu um novo «record» do Mundo

Foi num destes passeios pelas ruas moscovitas que Vladimir declarou à bela Raissa que estava apaixonado por ela.

Raissa ouviu-o embevecida, enquanto o seu livro de notas jornalísticas continuava em branco...

Durante o passeio dessa tarde foram surpreendidos por forte aguaceiro, pelo que foram obrigados a recolher-se na entrada do cinema **Metrópole**. Ao lado um letrado anunciava um estabelecimento fotográfico e Kutz, gentilmente convidou a sua amada para que se fotografassem juntos.

Com prazer, Raissa acedeu.

Já noivos, algum tempo depois Kutz entrou em casa de Raissa e anunciou-lhe que ia partir para Inglaterra onde tomaria parte no Torneio de Atletismo Inglaterra-Rússia, a disputar na capital britânica, conforme prometeu, e contou pormenorizadamente quais eram os seus planos desportivos.

Dias depois o Mundo teve conhecimento da derrota de Kutz, que fora batido por Chataway nos 5.000 metros e que também lhe arrebatara o «record» do Mundo



COSTA PEREIRA vai ter com as suas «fans»...

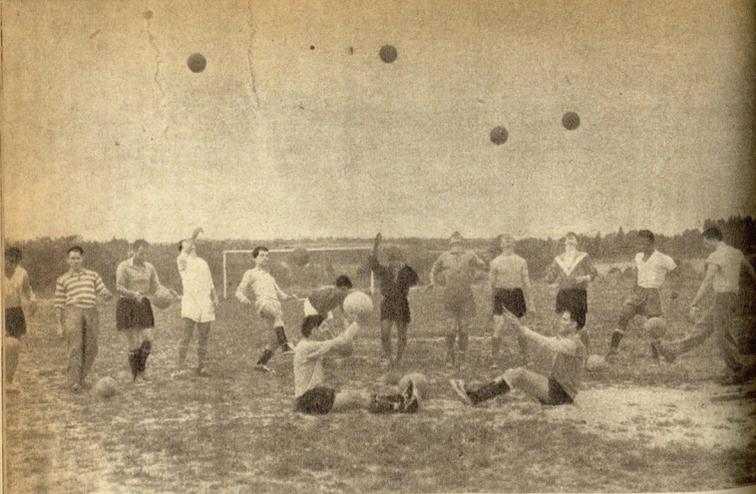
Na verdade, o guarda-redes Costa Pereira deve ser dos jogadores portugueses que mais «fans» tem, espalhadas pelos pontos do mundo em que tem actuado.

As fotos que publicamos foram tiradas em Madrid, quando o Benfica foi lá disputar a «Taça Latina». Duas simpáticas sevilhanas foram à capital espanhola para ver jogar — diziam — o Costa Pereira!

Não queremos aprofundar o assunto, mas lembramos que Costa Pereira vai jogar a Sevilha. Logo, as suas «fans» vão exultar...



(Conclui na pág. 13)



Maneiras de treinar...

No futebol profissional francês surgiram este ano dois novos clubes na 2.ª divisão: o Forbach e o Limoges. Logo nas primeiras jornadas, qualquer dos novos clubes se saiu airoso e a sua conduta tem sido de molde a demonstrar que os seus dirigentes tinham razão ao quererem enveredar pelo profissionalismo.

Apresentamos hoje, por exemplo, três aspectos do treino do F. C. Limoges, dirigido pelo ex-jogador do Sedan, Camberlain.

Na primeira, os jogadores Limogenses entregam-se aos mais variados exercícios: saltos à corda e original maneira de aperfeiçoamento do jogo de cabeça.

Por outro lado, a preparação física do nível clube é alvo de extremos cuidados.

Vemos os jogadores em plena campina, perfumada e florida, dedicados aos mais variados exercícios físicos.

Quem não gosta de saltar e de fazer ginástica ao ar livre, rodeado de flores?



E no campo de treinos as bolas parecem botões para os meninos brincarem... Curiosa, não é verdade, esta maneira quase poética do Limoges treinar?!

Kutz e o seu idílio com a jornalista

(Conclusão)

obtido em Berna, e que fora baixado em 5 segundos, ficando em 13 m. 51,6 s. Embora o russo tivesse declarado à imprensa que esperava muito em breve apossar-se do «record», todos se mostraram céticos, e Raissa intimamente compartilhava da mesma opinião, não só porque o tempo de Chataway era extraordinário, mas porque, principalmente se estava no fim da temporada.

Então, dez dias depois da sua derrota em Londres correndo em Praga contra o espanto e a admiração de milhares de pessoas reconquistou o «record» do Mundo no tempo de 13 m. 51,2 s.

Raissa, que já se sentia enamorada do jovem marinheiro-atleta, «premiou-o» dias depois, tornando-se sua esposa.

ESCÂNDALO

NO TÊNIS AUSTRALIANO

Lew Hoad, famoso ténista australiano, vencedor em 1956 e 1957 do Campeonato de Wimbledon, em «singles» entrou em conflito aberto com a «Australian Lawn Tennis Association» ao enveredar pelo caminho do profissionalismo.

Razão? Lew Hoad tinha dado a sua palavra aos dirigentes australianos como não abandonar o amadorismo enquanto não se concluisse a «Taça Davis», que está prevista para Dezembro do ano corrente e à qual o «team» australiano era um dos concorrentes favoritos.

Porém, Hoad, logo a seguir à sua recente vitória em Wimbledon recebeu uma proposta do empresário americano Jack Kramer no valor de 44.600 libras (ou sejam cerca de 3.500 contos!) para actuar como profissional — pelo seu círculo — pelo período de um ano.

O australiano, que em princípio havia recusado a principessa oferta reconsiderou e acabou por aceitar a proposta... embora tenha faltado ao compromisso tomado.

Muitos são os que atacam violentamente o campeão, no entanto, outros há, que defendem a sua maneira de proceder. Para estes, a atitude de Lew Hoad, não só é lógica como também é humana, pois ofertas como a do empresário Kramer não aparecem todos os dias. E no caso particular de Hoad, que devido a grave lesão, contraiu num jogo foi forçado a afastar-se dos «courts» por tempo imenso, e com riscos de não poder voltar ao jogo, a vantajosa proposta permite que possa encargar o seu futuro e o da família, com mais optimismo.

É certo, que a equipa australiana perde nele um dos seus mais seguros pilares segundo a opinião do chefe da equipa Harry Hofmann que diz: «Com Hoad a nossa turma era imbatível, sem ele, é muito vulnerável».





O CASO DA TAÇA DE INGLATERRA

Pisar a relva do Estádio de Wembley, na final da «Taça de Inglaterra», é a maior honra que o futebolista inglês pode ter na sua carreira desportiva. Mas sair vencedor desse jogo é mais do que honra — é glória...

Razão, por que só equipas de muita categoria conseguem receber das mãos do soberano (ou soberana) o valioso troféu.

Mas estarão os prémios de jogo de acordo com a categoria dessas equipas, com sua responsabilidade de finalistas?

Segundo alguns sectores da crítica e da

HONRA PROVEITO

não cabem no mesmo saco...

opinião pública, não estão, pois consideram de verdadeira miséria esses prémios.

E o árbitro? Apenas juízes de campo de comprovada competência são escolhidos para dirigir a final da «Taça», mas como os jogadores, também o prémio é honroso, mas reduzido.

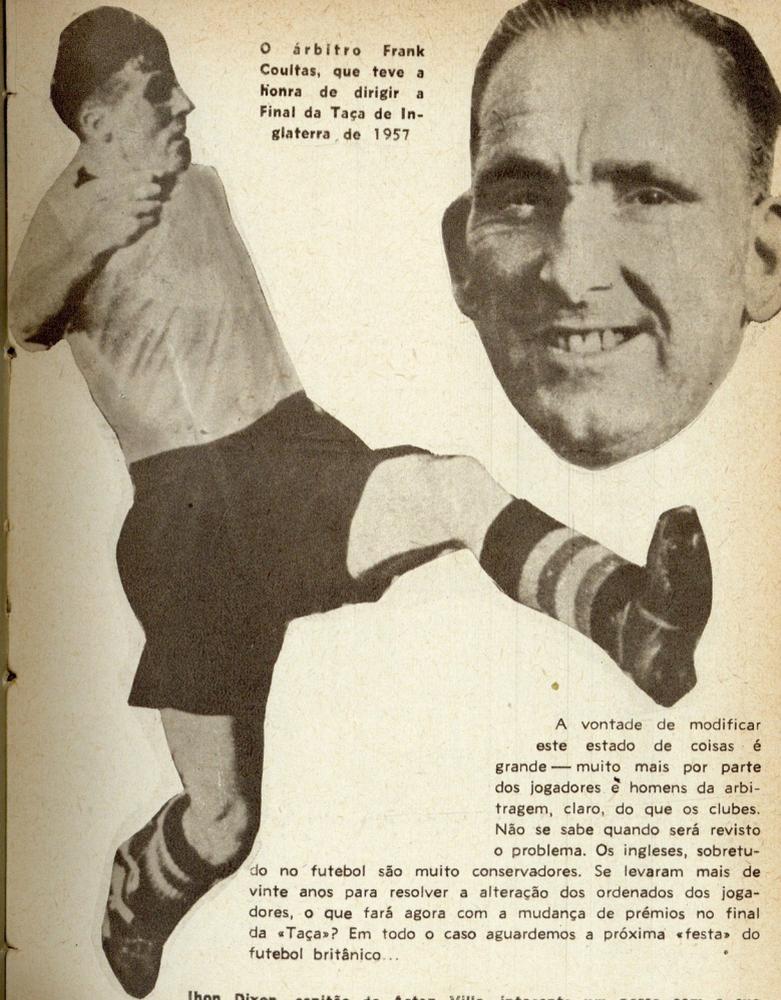
Eis o que ganharam os finalistas da Taça de Inglaterra em 1957, e o respectivo árbitro:

Aston Villa (vencedor) — Prémio de vitória: 550 libras, dividido pelos componentes da equipa; 36 libras por cada jogo em que tomaram parte até à final; 20 libras de prémio especial e 5 libras por direitos de televisão.

Manchester United (vencido) — Prémio de finalista: 450 libras, divididas pelos componentes da equipa; 36 libras por cada jogo em que tomaram parte até à final e 5 libras de direitos de televisão.

Árbitro: Pode escolher entre o receber uma medalha de ouro ou 10 libras. É opinião geral que devia receber medalha de ouro e o respectivo prémio pecuniário.

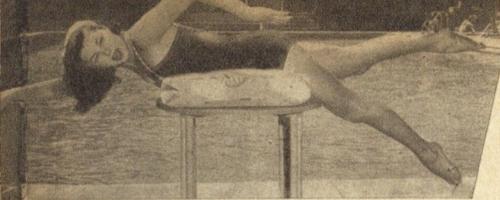
Roger Byrne, capitão do Manchester United, considerado um dos melhores defesas da Inglaterra, depois da guerra.



O árbitro Frank Coultas, que teve a honra de dirigir a Final da Taça de Inglaterra de 1957

A vontade de modificar este estado de coisas é grande — muito mais por parte dos jogadores e homens da arbitragem, claro, do que os clubes. Não se sabe quando será revisto o problema. Os ingleses, sobretudo no futebol são muito conservadores. Se levaram mais de vinte anos para resolver a alteração dos ordenados dos jogadores, o que fará agora com a mudança de prémios no final da «Taça»? Em todo o caso aguardemos a próxima «festa» do futebol britânico...

Jhon Dixon, capitão do Aston Villa, intercepta um passe com a sua conhecida valentia e classe



Quando respira ao nadar o «crawl» as pernas continuam batendo alternadamente



Esther Williams demonstra nesta imagem, como se executa o movimento de braços no «crawl» de costas

Aprenda a nadar com Esther Williams

Talvez nem todos saibam que a chave que abriu as portas do cinema a Esther Williams foi o desporto. De facto a talentosa e famosa artista foi campeã de natação dos Estados Unidos tendo sido detentora de vários recordes e estando até indigitada para as olimpíadas o que só não sucedeu porque... entretanto os magnates do cinema abriram os olhos e viram o «filão».

É ela que hoje explica aos nossos leitores os principais movimentos para nadar o «crawl». E... com tal professora quem não quererá aprender a nadar?



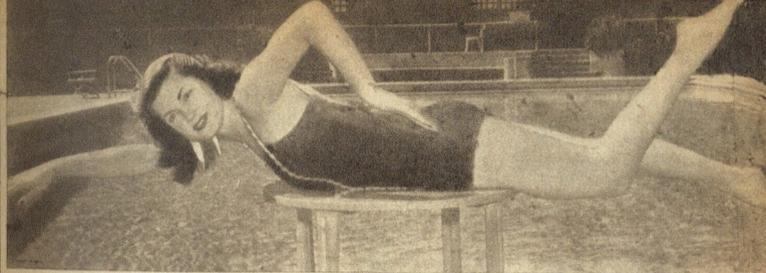
Este é o salto de partida para uma corrida de «crawl» de bruços



No «crawl» de bruços quando um braço puxa para baixo, o outro sai rapidamente, fora de água



A respiração neste estilo, é feita com um movimento rápido de cabeça, para o lado contrário do braço que avança



Éis a posição do corpo, ao nadar o «crawl», visto de lado. Aos movimentos dos braços, que é alternado, correspondem seis batimentos rápidos das pernas



E assim que se movem as pernas: pequenos pontapés, alternados, ao nadar o mesmo «crawl»



Para nadar o «crawl», com estilo, é conveniente lançar o braço para a frente, o mais possível



Esta imagem demonstra a vantagem da natação no desenvolvimento dos braços

O braço esquerdo vai lentamente para a frente enquanto o direito se prepara para sair da água

UM SPORTING-ACADÉMICA DRAMÁTICO

(o “leader” contra o último



apenas com 3 vitórias e 2 empates no seu burgo. O mais próximo adversário — o Sporting de Braga — seguia com cinco pontos de vantagem.



No princípio de Maio de 1948 disputou-se em Alvalade um dos mais dramáticos jogos entre o Sporting e a Académica. Estava-se na 23.ª jornada. Sporting e Benfica à frente, com igual número de pontos. A Académica em último — batida em todos os jogos fora de casa,

com a baixa de Divisão à vista!...)

O estudantes — dentes cerrados — queimavam os últimos cartuchos. O Sporting a querer ganhar o campeonato e a Académica a querer fugir à II Divisão...

Parece que é sina dos estudantes ter de defrontar nas últimas jornadas (às vezes em má posição, como foi dessa vez em 1956, com o F. C. Porto) as equipas que aspiram ao título... Mas a discussão durou pouco nesse jogo de 1948.



Vencedores do «duelo» Sporting-Académica na «Liga» e no Nacional»

ANOS	Coimbra	Lisboa
1934-35	Sp., 6-0	Sp., 5-1
1935-36	Sp., 6-1	Sp., 3-0
1936-37	Sp., 2-1	Sp., 7-2
1937-38	Sp., 4-0	Sp., 7-1
1938-39	2-2	Sp., 3-1
1939-40	Sp., 5-2	Sp., 6-1
1940-41	Sp., 5-3	Sp., 7-1
1941-42	Sp., 2-1	Sp., 3-1
1942-43	Sp., 7-2	Ac., 4-2
1943-44	Sp., 4-3	Sp., 2-0
1944-45	Sp., 2-1	Sp., 5-3
1945-46	5-5	Sp., 6-1
1946-47	Sp., 3-1	Sp., 9-1
1947-48	Sp., 6-3	Sp., 6-1
1949-50	Sp., 6-1	Sp., 6-0
1950-51	Sp., 3-1	Sp., 7-0
1951-52	3-3	Sp., 4-0
1952-53	Sp., 1-0	Sp., 5-0
1953-54	Sp., 2-0	Sp., 3-1
1954-55	1-1	Ac., 1-0
1955-56	1-1	Sp., 2-1
1956-57	Ac., 2-0	Ac., 3-1

O CONSAGRADO ACTOR PORTUGUÊS

TOMAZ DE MACEDO

foi internacional de andebol
e campeão do lançamento do dardo

Tomás de Macedo pertence ao mundo das grandes figuras desportivas do passado. O Cinema, porém, abriu-lhe certo dia as portas de uma celebridade diferente. Estreou-se no filme «A Rosa do Adro», seguindo-se-lhe «Os Fidalgos da Casa Mourisca», «Capas Negras», «Bola ao Centro», «Morgadinho dos Canaviais», «A Volta de José do Telhado», «Frei Luís de Sousa» e «O Comissário de Polícia».

Mais tarde, foi o Teatro que o chamou para as suas fileiras, tendo trabalhado ao lado dos nossos mais distintos comediantes, entre eles, o malogrado Mestre Alves da Cunha.

Ao ser entrevistado para «Crónica Desportiva», o antigo «internacional do Sporting Clube de Portugal», disse-nos:

— Com 12 anos comecei a praticar natação no Carcavelinhos. Depois, também joguei basquetebol no Lisgás. E por último, até à internacionalização, pratiquei andebol no Sporting Clube de Portugal.

— Qual foi o seu primeiro jogo como internacional?

No dia da vitória que a equipa de andebol do Sporting obteve sobre o Estrela e Vigoroso, para o Campeonato de Portugal de 1945



Tomás de Macedo também tomou parte no desempenho do filme «Lisboa», realizado no nosso país por Ray Milland. Aqui o vemos — até para não perder a feição desportiva. — no massagista particular do misterioso contrabandista, interpretado por Claude Rains.



— Contra a Espanha, que vencemos em Madrid, por 6-4; depois e em Lisboa nova vitória, e por 8-1!

— Quando abandonou o desporto?

— Aos 35 anos. O último desafio em que tomei parte foi na final do Campeonato Nacional de Andebol, tendo o Sporting perdido com o Futebol Clube do Porto por 4-1.

— Que modalidades desportivas praticou mais?

— O atletismo, também no Sporting. Fui recordista na modalidade do dardo de 1939 a 1942. Em 1944 ganhei na minha modalidade o Campeonato Regional do Sul.

— Boas recordações desportivas?

— Muitas. E a melhor delas todas, a camaradagem com Oliveira Martins, que também jogou comigo andebol no Sporting, e que mais tarde, viria também a trabalhar no Cinema.

— Como vê o desporto através do Cinema?

— Olhando para o estrangeiro? Como fonte inesgotável de propaganda da vida desportiva e um dos maiores incentivos para o desenvolvimento e prática do desporto em geral.

Olhando para nós... Creio que são desnecessários comentários, pois só há pouco decidimos aproveitar temas desportivos para dois novos filmes. Com «Bola ao Centro», «Dois Dias no Paraíso» e «O prémio da Montanha» — este último ainda em preparação — não será ainda cedo para falar entre nós de Cinema e desporto?

Ou... será tarde?



SABE QUE EQUIPA É ESTA?



Eis a equipa do F. C. do Porto alinhada em frente da tribuna do Estádio do Lima. Formariam depois com: Barrigana; Virgílio e Francisco; Romão; Alfredo e Joaquim; Lourenço; Araújo; Correia Dias; Gastão e Catolino (Sanfins). Hora e meia depois era aclamada como protagonista de um dos maiores feitos do futebol português.

Pergunta-se: 1 — Qual foi o adversário? 2 — O resultado do jogo? 3 — Quem marcou os golos do F. C. do Porto?

O prémio de uma grande defesa

As vezes, o futebol tem o seu drama bem pungente. Como nesta fase em que o ex-guarda-redes do Racing de Paris e da Seleção Nacional francesa, René Vignal, depois

de ter demonstrado categoricamente o seu valor, ao executar numerosas defesas, acabou por ficar no chão, contorcendo-se com dores, depois de ter enviado a bola para «canto».



apresenta

GABRIEL

cujas sucessivas
transferências
já custaram

500 contos!





Gabriel, ainda jogador do Leixões, com 20 anos

Somando as sucessivas cifras que se relacionam com as sucessivas transferências de Gabriel chega-se à conclusão que o montante anda já pelos 500 contos. Se não vejamos: $6.000\$00 + 22.500\$00 + 270.000\$00 + 200.000\$00 = 498.500\$00$.

Ainda que não possamos confirmar a recente cifra — do Sporting para o Covilhã — pois guiámo-nos por vagas informações (150 contos para o Sporting e, de certeza, 50 para o atleta), não se deve, realmente, andar muito longe do meio milhão de contos!

É, pois, um dos mais caros jogadores portugueses de todos os tempos.

Mas quem é Gabriel? O seu valor, como futebolista justifica tão alto movimento financeiro?

Podemos responder à primeira pergunta com a publicação da sua história, através da entrevista que vai seguir-se. Quanto à segunda interrogação, não podemos, em boa verdade, responder cabalmente, dado que, em Portugal, não é possível estabelecer-se uma tabela de prémios de transferência. Como se sabe, não existem contratos entre jogadores e clubes. Esporadicamente é que um clube concorda em desfazer-se de um bom jogador. Fá-lo, em geral, para equilibrar o seu orçamento económico. É muito raro, assim, que um clube dos chamados «grandes» prescindia de bons jogadores. Só em casos especiais.

Exactamente porque isso não é corrente, são também raras as transferências caras (que caras são todas... consoante os clubes). Torna-se, pois, difícil estabelecer um paralelo acerca do que já se deu por Gabriel e outras transferências em Portugal.

Todavia, achamos que há justificação para a cotação que se lhe atribuiu. Falam as circunstâncias, à parte o próprio valor do atleta. Que Gabriel é um bom marcador não há dúvida. As tabelas dos marcadores não mentem. E um bom marcador vale sempre o dinheiro. As circunstâncias valorizaram-no.

Houve dois clubes que se interessaram por ele: o Benfica e o Sporting. Os «encarnados» terão visto em Gabriel um sucessor de Arsénio — ou seja um interior da «grande área»... E os «leões»... porque precisavam, de facto de valorizar a sua «linha», cuja baixa de potencial em golos baixou assustadoramente. Esbocou-se uma espécie de «leilão». O Benfica desinteressou-se, logo que se apercebeu do aspecto que o «negócio» estava a tomar. A cotação, entretanto subira — e o Sporting teve de dar a Gabriel boa maquia: 270 contos!

O portuense (Gabriel é de Paranhos) estranhou o ambiente «leonino». Ou este não lhe foi propício. Numa equipa que tem um Vasques e um Travassos como interiores de mérito e tradição não é fácil «encaixar» um interior chamado Gabriel — a não ser que lhe desse uma estrutura nova... Terá sido esse o problema que levasse o técnico e dirigentes «leoninos» a prescindir dos serviços de um jogador que fora tão caro. Por outro

Um belo remate de cabeça



lado, o factor sentimental representado pela necessidade de uma filial valorizar a sua «linha» para voltar à I Divisão...

Que o Sporting da Covilhã teve visão para o problema, não temos dúvidas. Perdido o seu «goal-scores» de 56 e 57 — Suarez — havia que substituí-lo por outro bom marcador. Difícilmente se encontrará outro tão bom como Gabriel para actuar nos jogos que esperam os «leões da Serra» — jogador batalhador, com aversão a complicações, fulgurante, e bom



Perseguindo a bola, num jogo com o Lusitano

portanto — ainda que cara para as possibilidades

financeiras do clube. Mas... até quando ficará Gabriel na Covilhã?

Temos razões, que não podemos revelar, para afirmar que Gabriel não estará muito tempo na Covilhã. Aliás, é intuitivo, sabendo-se que ele tem em Lisboa um estabelecimento que necessita da sua assistência para progredir.

De certa maneira, é crível que Gabriel volte a jogar em Lisboa ou arredores — pelo motivo apontado. Uma série de hipóteses se levantam desde já: voltará ao Sporting? Não é crível em face das declarações dele. Tentará, enfim, o Benfica, como foi

No estágio do jogo de passagem com o Torriense





No Bom Jesus, brincando com os pombos, na companhia de José Maria, do Sp. de Braga



Dominando a bola com o tronco para depois dosferir o seu mortífero pontapé

seu antigo desejo? Ou o Belenense — tão perto do seu estabelecimento? Atlético, Oriental?

É prematuro aventar já a próxima transferência de Gabriel — que, a dar-se, fará subir o «bolo» dos 500 contos... É prematuro porque — temos a certeza — Gabriel tem agora um único pensamento: ajudar o seu actual clube a ganhar o campeonato da II Divisão!

Temos razões especiais para pensar assim — além de que Gabriel é um profissional honesto e um desportista probo, e como tal um servidor convicto da camisola que enverga, seja qual for a sua cor.

A HISTÓRIA DO RAPAZ DE PARANHOS QUE AOS 7 ANOS JÁ TRABALHAVA...

A história da infância de Gabriel não é das coisas mais alegres. Família pobre. Quatro filhos — três rapazes e uma rapariga, dos quais Gabriel é o mais velho. O pai era craveiro. Com sete anos, o Gabriel já o ajudava — fazendo funcionar o fole...

— Não era agradável — confessou-nos, quando o procuramos para nos contar a sua história — Preferia jogar com a bola trapeira...

— Fugia ao fole para ir jogar, não?

— Nem por isso. É claro que não passava o tempo todo a manejar o fole da oficina. Além disso tinha a escola...

— Mas aí não se jogava...

— No recreio, sim... quando a professora não estava.

E prosseguiu:

— Depois de sair da escola, entrei para uma Fábrica de Estamparia, de Fonte de Moura. Mais tarde fui para outra fábrica, em Gondomar, onde era aprendiz de fotografador.

DO CLUBE DA RUA A JUNIOR DO FIGUEIRENSE

— Dezasseis anos — prosseguiu Gabriel — ajudei a fundar o S. Dinis Futebol Clube...

— Não conhecemos...

— confessamos.

— Pois não. Era o clube da minha rua, lá no Porto. Clube de rapazes.

— E jogavam na rua?

Dominando a bola com o tronco para depois dosferir o seu mortífero pontapé

— Não. Alugávamos os campos. Um dia jogava eu no campo do velho Matadouro, quando fui convidado para ir para o Figueirense.

— Aceitou...

— Sim. Jogar num clube filiado foi sempre a minha aspiração de miúdo.

— Lembra-se de quem o «descobriu» para o Figueirense?

— Foram os Srs. António Oliveira, director do Figueirense, e Baradas, treinador daquele clube e ao tempo jogador do Salgueiros.

— Em que lugar jogava então?

— Era normalmente extremo.

— Lembra-se da sua estreia?

— Sim, foi num jogo de juniores contra o Pedrouços, no «nosso» campo. Empatamos a uma bola, tendo sido eu o autor do golo.

— Começou cedo... — comentamos.

Um sorriso de satisfação foi a resposta.

PRIMEIRA TRANSFERÊNCIA

— Lembro-me também do meu primeiro grande desgosto na bola — prosseguiu Gabriel.

— Conte, por favor...

— Jogava então já no primeiro «team» do Figueirense. Era interior. Na final, no campo do Castanheira, e depois de duas horas de jogo, perdemos por 2-1. O que aquilo me custou...

— Quanto tempo jogou no Figueirense?

— Duas épocas. Depois surgiu uma proposta do Leixões — e para lá fui...

— Como foi isso?

— Pediram-me para jogar pela Fábrica Collin num desafio particular. Aceitei. Um director do Leixões era empregado dessa fábrica, viu-me jogar, e veio falar-me. Perguntou-me se eu queria fazer um treino no Leixões.

— Aceitou, claro...

— Aceitei... e fiquei.

— E o Figueirense deixou-o ir...



Passando por entre dois defesas do F. C. Porto — Valle e Virgílio!

Um grupo de jogadores bracarenenses: Vital António Marques, Cesário, Antunes, José Maria e Gabriel





▲ Um espectacular golo de Gabriel, nas Antas

— O Leixões pagou pela «carta»... seis contos!
Curioso, não é verdade leitor? Seis contos num montante de quinhentos!

DO LEIXÕES... À EQUIPA MILITAR...

- Da estreia no Leixões, recorda-se?
- Foi bem engraçado. Foi em Fafe e empafamos por... 5-5.
- Marcou pelo menos um golo... — aventamos, um palpito.
- Marquei três golos. Lembro-em também que o guarda-redes «deles» era o filho do treinador Sezabo.
- Continue, por favor.
- Depois de duas épocas no Leixões fui para a tropa.
- Deixou de jogar ou...
- Jogava pela equipa do meu regimento, Infantaria 6 — replicou — E por sinal fizemos um «brilharete». Nove vitórias até à final onde então perdemos com Lancelos 2, por 3-1.

DO LEIXÕES PARA O SPORTING DE BRAGA — POR 20 CONTOS...

Proseguindo, Gabriel disse-nos...

- Acabei o serviço militar e voltei ao Leixões. Foi então que do Sporting de Braga começaram de volta de mim. Creio que o «velho» Sezabo, ao tempo treinador dos bracarenses, me viu jogar e lhe interessou o meu concurso.
- E depois?
- Recebi um convite para ir treinar em Braga. Mas o Leixões não autorizou.
- E então?
- Fui na mesma...
- Qual foi a reacção dos leixonenses?
- Castigaram-me com um ano de suspensão... que depois levantaram para recolher os vinte contos que o Sporting de Braga deu pela minha carta...
- Não foi muito...
- Pois não. Mas mesmo assim ganharam 14 contos em relação ao que tinham dado ao Figueirense...
- Tem razão. E você, não ganhou nada?

— Um «bónus» de dois contos e meio, que me deu o presidente do clube...

ESTREIA DO SPORTING DE BRAGA — E NA SELECÇÃO «B»

Gabriel recordou também a estreia no Sporting de Braga:

— Foi no campo do Bessa, contra o Boavista. Grande jogo. Ganhamos por 2-1 e fui eu o autor do golo da vitória.

Depois... não vale a pena — que a entrevista já vai longa — pormenorizar a carreira de Gabriel no Sporting de Braga. Basta que se diga que se tornou o seu «goal-scorer», e que acabou por dar nas vistas ao seleccionador.

— Estreei-me contra a Áustria-B, no Porto, em Dezembro de 1955. Entrei a jogar já na segunda parte e não pude fazer grande coisa. O campo estava encharcado e havia um «calmeirão» que não cessou de me perseguir. Perdemos por 2-1, sem que eu pudesse fazer o gosto ao pé...

O BENFICA «PERSEGUIU-O» QUATRO ÉPOCAS SEGUIDAS!

— Tem sido muito assediado com propostas para mudar de clube, não?

— Sim, desde que comecei a ser mais conhecido, Benfica, F. C. Porto, Sporting e, segundo me constou, o Torriense também, além doutros, que não chegaram a interessar-me, pois o Sporting de Braga a todos dizia que não...

E comentou:

— O Benfica foi o mais renitente. Andou quatro épocas seguidas atrás de mim. Mas o presidente do Braga respondia que nem por mil contos...

— Custava de ter ido para o Benfica?

— Sim, tenho a impressão que me daria melhor do que no Sporting. — foi a franca resposta.

Para não quebrar o ritmo cronológico da entrevista não aprofundamos o assunto...

— O F. C. Porto dava em troca vários jogadores — prosseguiu Gabriel — mas na altura em que o Braga concordou na minha transferência o que lhe interessava mais era dinheiro...

Gabriel deu-nos a se-

Despedida dos colegas do Sp. Braga, quando foi para o Sporting





▶ Num Sporting - Benfica, com os «leões» ao ataque

▶ Jogando contra o seu actual clube!



guir a sua opinião sobre a queda do Braga:

— Fantin foi o jogador que mais falta fez ao Braga. «Segurava» bem a equipa e passava a bola excelentemente. Eu e o Velez entendíamo-nos com ele às mil maravilhas.

A TRANSFERÊNCIA PARA O SPORTING

Relatou-nos depois a transferência para o Sporting:

— Estava em férias no Porto, quando me apareceu o Dr. José Calheiros. Foi ele que tratou de tudo.

— Em quanto importou a sua transferência?

— 270 contos!

— Impressionou-o o ambiente de um grande clube?

— Muito. E para ser franco não me agradei. Se tivesse que recomeçar, digo-lhe que não punha lá os pés!

— Mas porquê?

— Não se dá com o meu feitio. Há disciplina a mais, isto é, ao menor descuido, sem às vezes se saber como e porquê, pespegam-nos uma multa! Além disso, esforcei-me por acertar, e nunca fui acarinhado. Pelo contrário. Uma vez até fui censurado pelo Sr. Martinho de Oliveira, pela maneira como estava a jogar, quando era exactamente como o Sr. Picabea mandava. Como é que eu me podia entender numa equipa assim?

... E NOVA MUDANÇA

— Como surgiu a ideia de ir para a Covilhã?

— Apareceram-me aqui, na loja, alguns directores do Sporting da Covilhã. Disseram-me que já tinham falado com a direcção do Sporting, e que apesar de ela pedir muito dinheiro pela minha carta, estavam dispostos a entrar em negociações, se eu quisesse.

— E você?

— Como realmente queria sair do Spor-



No estágio com a selecção «B» de Portugal

▶ Gabriel espalhando o pânico entre a defesa belenenses





Trabalhando no seu estabelecimento, que teve de abandonar, por algum tempo

ting, onde parecia que me punham a jogar por favor, acetei.

— Em que condições?

— Isso é segredo, por enquanto...

— Mas a ida para a Covilhã não prejudica o seu negócio?

— Sim, mas o que havia eu de fazer? Enfim, como recebi 50 contos... — desabafou. E acrescentou:

— Meu pai, toma-me conta do negócio e eu venho cá pelo menos duas vezes por mês.

GABRIEL E CABRITA...

— Impressões do Covilhã?

— Até aqui, as melhores. A camaradagem também é óptima. Dois já eu conhecia bem...

— Quais?

— Couceiro e... Cabrita, meu colega na selecção «B».

— É verdade. Ainda não nos falou na segunda internacionalização.

— Ah! Dessa gostei mais do que a primeira. Grande jogo, esse de Nantes. Só foi pena que não tivesse marcado um golinho. Se não fosse um pontapé que me deram, quando me ajeitava a rematar...

— Tem esperança de voltar à selecção?

— O Cabrita diz que voltaremos ambos à selecção «B», pelo menos. Então, nós na II Divisão não somos os mesmos jogadores?!
E com este comentário demos por finda a entrevista com Gabriel — o jogador português mais caro dos últimos tempos!

No próximo número:

A história de JOSÉ PEDRO

—o «pequeno-gigante» do Alentejo

Soluções dos passatempos deste número

PALAVRAS CRUZADAS — Horizontais: 1. Helder, Gama, 2. Ao, ou, 3. Mu, acne, as, 4. Em, lhe, 5. Se, Mota, 6. Nelo, gato, 7. Juca, Ao, 8. Anã, po, 9. Li, roda, el, 10. Sr., Sá, 11. Obra, Edison. **Verticais:** 1. Homem, Júlio, 2. Um, nu, 3. La, seca, ic, 4. Do, ela, 5. Al, aos, 6. Rocha, André, 7. Une, aa, 8. Mas, si, 9. Ar, loto, as, 10. To, pé, 11. Ansia, polen.

Foto-enigma — 1 — Arsenal de Londres; 2 — Vitória do F. C. do Porto por 3-2; 3 — Correia Dias (2) e Araújo.

DAMAS — 7-11. Se: 24-31, 14-15, 20-4 e 2-24. Se 24-28, 11-15, 20-11, 2-24-31. Se 20-16, 11-15, etc. Se 20-15, 11-20, 24-6, 2-24.

XADREZ — 1. D x f 7.

LUCAS SEBASTIÃO DA FONSECA (MATATEU)

Naturalidade e data do nascimento: Lourenço Marques, 26 de Junho de 1927.

Clubes representados: Até 1951 — 1.º de Maio de Lourenço Marques. Desde 1951-52 — Belenenses.

Estreia internacional: 23 de Novembro de 1952, contra a Áustria, no Porto.

Internacionalizações: 17. Contra: Áustria (2), Argentina (2), Turquia (2), Brasil (3), Itália, África do Sul, Bélgica, Alemanha, Escócia, Inglaterra e Suécia. Golos: 7. Contra: Egipto (2), Itália, Turquia, Brasil, África do Sul e Inglaterra.

FREDERICO BARRIGANA

Naturalidade e data do nascimento: Alcochete, 28 de Abril de 1922.

Clubes representados: 1939-40 a 41-42 — Onze Unidos F. C. (actual C. D. Montijo); 1942-43 — Sporting; 1943-44 a 54-55 — F. C. Porto. Desde 1955-56 — Salgueiros.

Estreia internacional: Na B, em 3 de Maio de 1947; na A, em 21 de Março de 1948, contra a Espanha, em Madrid.

Internacionalizações: 13. Contra: Espanha 3, França 2 (1 B), Irlanda 2, Áustria 2, Itália, Gales, Argentina e Alemanha.

ALVARO CARDOSO DA SILVA

Naturalidade e data do nascimento: Setúbal, 14 de Janeiro de 1914.

Clubes representados: 1931-32 a 37-38 — Vitória de Setúbal; 38-39 a 47-48 — Sporting.

Estreia internacional: 12 de Janeiro de 1941, contra a Espanha, em Lisboa.

Internacionalizações: 13. Contra: Espanha 5, Suíça 3, França 2, Irlanda 2, e Inglaterra. Foi 10 vezes capitão.



ANTÓNIO DE DEUS COSTA DE MATOS BENTES DE OLIVEIRA

Naturalidade e data do nascimento: S. João do Souto (Braga).

Clubes representados: desde 1945-46 — Académica.

Estreia internacional — 16 de Junho de 1946, contra a Irlanda, em Lisboa.

Internacionalizações: 5. Contra: Irlanda, Espanha (B), França (B), Bélgica e Alemanha. Marcou um golo contra a França (B).



ALVARO CARDOSO DA SILVA



MATATEU



ANTONIO BENTES



FREDERICO BARRIGANA